

## **PRECISAMOS EDUCAR EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, SIM!**

*Marcello Ribeiro*

O processo de ensino/aprendizagem em Língua Portuguesa na escola atual deve pautar-se numa ideologia mediadora, dialógica e acima de tudo, participativa. Sob esse prisma, é que nosso artigo discutirá a importância da educação como instrumento criador de estratégias condizentes a tornar o discente como sujeito capaz de pensar a língua que fala/escreve, para que assim, possa agir no mundo em que vive.

A educação é uma ação educacional que parte do princípio que todos os envolvidos no processo aprendem por meio de “ecossistemas educacionais” (cf. Soares, 2001, p. 33), isto é, estratégias que levam o aluno a construir o saber de forma global, interativo e acima de tudo, inclusivo.

A partir dessa concepção, percebemos que poderíamos nos utilizar dessa ação para desenvolver aulas que realmente despertassem no aluno interesse pela língua por meio da comunicação a fim de que conhecesse e analisasse criticamente o uso dessa como veículo de valor social.

A seguir, descreveremos abaixo uma prática por nós desenvolvida em uma aula sobre ortografia, tendo a educação como suporte teórico e pragmático. Nosso objetivo é o de mostrar de que maneira o professor deve fazer o discente adequar a ortografia ao seu contexto cotidiano, isto é, de uma forma em que a aprendizagem reflita significativamente em suas relações sociais e culturais, e enxergar o erro como forma de motivação, e não estigmatizada e ofuscada.

O que se percebe hoje, em sala de aula, é um ensino ritualizado, desprestigiado, considerado indigno, indesejável por aqueles que falam, isto é, carregado de um preconceito arraigado, em que não há a valorização das experiências lingüísticas que o aluno traz de sua comunidade, somente o que se devem ensinar é o que o currículo determina, achando equivocadamente que o discente terá uma aprendizagem segura e eficaz.

A atividade citada foi feita durante as aulas, por um período de, aproximadamente, 2 meses. Primeiramente, solicitou-se às crianças que fizessem uma coleta de nomes próprios

de seus familiares e amigos em geral. Após isso, trouxessem à aula os nomes encontrados e por meio de dicionários, gramáticas, pudessem perceber se havia ou não desvio do padrão normativo da Língua Português, como por exemplo: JUÇARA (em que aparece /ss/ em muitos nomes), MÍRIAM (com acento), TERESA (grafados muitas vezes com /z/), AÍRTON (com acento), ANTÔNIO (com acento). Enfim, pudemos verificar a diferença entre aquilo que se deveria grafar e o que aparece nos principais documentos de nossos cidadãos.

Em que a educomunicação ajudou-nos aqui? Auxiliou como instrumento de intervenção à verificação das formas corretivas, investigação, contato com documentos, como por exemplo, o registro de nascimento em que o aluno pôde não somente verificar o(s) nome(s), mas também no preenchimento desses documentos, “*fazendo assim da língua, uma práxis voltada a serviço da sociedade*” (cf. Soares, 2002, p. 124). A educomunicação serviu como ponto de partida para aprender, pois a partir dela, pudemos trabalhar o discurso, texto escrito como atividade real de enunciação, necessária e adequada a certas situações de interação.

O grande problema do ensino de ortografia na escola é que o aluno ao estudá-la, passa a comunicar com uma linguagem escrita com baixo grau de textualidade: lista de exercícios sistematizados, sentenças desconexas, que nada comunicam, enfim o ensino é calcado na “decoreba”

Gramáticos defendem a idéia de que a língua escrita predomina sobre a falada, e isso, faz com que o ensino seja equivocado, pautado em teorias cristalizadas que há muito já têm sido questionadas, reformuladas e contextualizadas em dissertações e teses.

Palavras “subdistrito, oficial, certifico, declarante, referido, dou fé, via isenta de selo, escrevente”, foram trabalhadas dentro da aula por meio de registro familiar do próprio aluno, a fim de que ele pudesse entender o significado delas, contextualizadas, para que além de aprender como se escrevessem as palavras, pudesse também entender sua aplicabilidade ao texto, isto quer dizer, observar o porquê da importância do registro, do contexto familiar, da historicidade das palavras em desuso, enfim, educomunicar.

Portanto, a nossa proposta é o de repensar o processo de aprendizagem que faça do aluno um sujeito que detém a linguagem para que adquira uma competência necessária sobre a língua que fala e escreve, efetivamente.

Sugerimos que a educação passe a fazer parte da escola em geral, pois por meio dela o professor mudaria seu enfoque de transmissor, detentor do saber, a gestor, aquele que constrói juntamente com os alunos um saber significativo, sólido e acima de tudo crítico-reflexivo.

Nessa perspectiva, o docente dá aula sobre ortografia, por exemplo, não somente para que saiba que certos vocábulos são com x, s, ç, etc, mas sim, como chegar até eles e onde usá-los, em que situações: bilhete, documento, redação escolar, cheque, enfim à criança de maneira funcional, pragmática, pois ao mesmo tempo que aprende, interage.

Quando dizemos, no início desse artigo, que a criação de ecossistemas educacionais insere o contexto da educação, é porque nós ensinamos aos nossos alunos a partir do momento que criamos, problematizamos situações para que eles possam pensar, encaixá-los como forma de resolução; isto quer dizer, habilitamos o indivíduo a torná-lo competente para desenvolver tarefas.

Para a educação, dá-se prioridade ao docente no que se diz respeito ao planejamento, implementação e avaliação de processos, isto quer dizer, que dentro desse cenário, o professor é um mediador entre a construção do pensamento e a realidade que faz parte de seu cotidiano. Por que, então não praticamos educação nas aulas de língua em geral? Se a educação vem auxiliamos-nos dentro do espaço pedagógico, por que não damos lugar à dialogicidade, informação, formação, comunicação em detrimento as regras que nada nos têm a dizer, sem um contexto, o qual o discente fica a questionar o porquê de se aprender aquilo, para quê?!

Precisamos criar condições ao educando para envolver-se em nossas aulas e apropriar-se dos conteúdos por nós ministrados de uma forma que receba e ofereça informações, uma troca, simetria. A interação é a “*formar comunicadores para um mundo novo*” (cf. Soares, 2002, p. 124).

Por que não adotarmos estratégias de gramática, por exemplo, por meio de um ensino diversificado? Interativo, que leve a comunicação, para dentro das aulas?

Segundo Magda Becker Soares: “*os objetivos, agora, são pragmáticos e utilitários, trata-se de desenvolver e aperfeiçoar os comportamentos do aluno como emissor – codificador e como receptor – decodificador de mensagens, através da utilização e compreensão de códigos diversos – verbais e não-verbais.*” (cf. Soares, 1992, p. 117), isto

quer dizer, não se trata mais de levar ao conhecimento de regras, mas sim ao uso delas, por meio de códigos, comunicação.

O grande problema quanto ao ensino da ortografia, na escola, é que o fato de que algumas regras não são explicáveis pelo princípio da regularidade, isto é, regras as quais não seguem o padrão da gramática normativa, são irregulares. Como explicá-los dentro de um cenário tão amplo e complexo? Defendemos, veemente, aqui, que a educomunicação poderá auxiliar o docente em seu trabalho, para que o aluno internalize palavras que, pela regra, não há como explicar.

Segue abaixo, uma atividade de um livro didático atual, que acredita fazer com que o aluno aprenda ortografia:

*Complete com **li** ou **lh**. Depois, leia em voz alta e copie as palavras:*

*cabeça\_\_\_o*

*mi\_\_\_onário*

*cí\_\_\_o*

*ju\_\_\_o*

*carti\_\_\_a*

*auxí\_\_\_o*

*Jú\_\_\_o*

*mi\_\_\_o*

Parece haver uma confusão entre como fazer o aluno aprender ou simplesmente escrevê-las e nada mais. Não há uma preocupação em contextualizar cada palavra a um significado inerente ao aprendizado, pois a relação entre ler em voz alta e escrever para o autor, está calcada num aprendizado mecânico, pensar e decorar, que equivocadamente faz o professor remeter-se à uma prática que não levará a lugar algum.

Outro exemplo:

*Leia:*

***O elefantinho***

*Onde vais, elefantinho*

*Correndo pelo caminho*

*Assim tão desconsolado?*

*Andas perdido, bichinho*

*Espetaste o pé no espinho*

*Que sentes, pobre coitado?*

- *Estou com um medo danado*  
*Encontrei um passarinho!*

*Circule, no texto, as palavras com **nh** e copie-as.*

Mais uma proposta que nada tem a nos dizer, pois como ainda ensinar às nossas crianças que o elefante está desconsolado, anda perdido, estar com medo danado, em um mundo em que a Internet está aí às portas de uma revolução educacional?

Acreditamos que nossas crianças aprenderão ortografia dessa forma?

O que fazer? Ensinar o quê para quem?

Não seria mais interessante chamar atenção do aluno quanto ao “nh” de elefantinho, que apesar de sinalizar palavra diminutiva, ela aqui no caso, tem valor afetivo, pois sabemos que elefantinho não é pequeno, como continuamos a ensinar que “nh-“ é sinalizador de diminutivos? Aqui o exercício em questão, só quer trabalhar com “nh” como forma de memorização, descontextualização. Como cobrar de nossos alunos posturas mais reflexivas diante de textos como esses?

O que se pretende com esses apontamentos e discussões, é mostrar que o ensino de ortografia, aqui em nosso caso, deve, hoje, ser feito de uma maneira que haja envolvimento, exercícios que levem o aluno a refletir não somente em relação às normas, mas aos assuntos/contextos que a envolvem, pois só dessa maneira o aprender será realmente algo inerente ao processo de ensino/aprendizagem!

Portanto, o que desejamos é que Educomuniquem! Já!

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.